

atmosfera. Os capotes são pois de summa utilidade, e a moda, sempre solícita em attender ao que é útil a seus adoradores, não podia deixar de dar o molde dos capotes que se devem usar em tal quadra.

O capote que hoje vos offerece o CORREIO, e a que os Francezes, primeiros validos da Deusa, chamam capotesino por sua forma, é feito de setim escuro, e com bandas e laços verdes: bom é acolxoa-lo levemente. Algumas Snr.^{as} elegantes, para evitar que se amarrotem os folhos que se usam nas mangas dos vestidos, mandam fazer os capotes com a abertura para os braços até a orla, de maneira que fica o capote dividido em tres partes, e depois de posto nos hombros, reúnem as diversas partes abotoando-as.

Os vestidos de bailes são elegantes, e muita graça lhes dão as quatro ordens de *rollos* de setim de que são guarnecidos. O uso das flores tanto no vestido, como no cabello é ainda muito approvado para os bailes. O molde que o CORREIO offerece hoje á suas leitoras é muito bonito, como se pode vêr no *figurino*. No corpo do vestido e nas mangas não ha alteração notavel.

Temos concluido nosso bolletim das modas, e cremos que não havemos despresado esforços para tornar esta publicação util e agradavel.

QUE DESGRAÇA!

— «Esse teu costume de namorar a torto e a direito, te hade ainda dar na cabeça. Isso não é modo, logo que vês mulher entras a namora-la, como si estivesses perdido de amores por ella, e deixas o namôro com tanta facilidade com quanta o principiaste. Deus queira não andes fazendo jus a alguma coça de páu que te ponha em lenções de vinho!»

Taes eram as palavras que ha bem poucos dias eu dirigia a um meu amigo, bom rapaz na extensão da palavra, e que só tinha a mania de ter-se por gamenho e casquilho. Trajava no rigor da moda, usava bigodes, e barba crescida na ponta do queixo inferior á Henrique IV. pera, finalmente pelo que toca ao rosto, era um perfeito mono, porque além de tudo tinha os cabellos compridos, cahidos pelo rosto abaixo: era um moço de bom tom, e sentia não ter influencia politica para estabelecer no Brazil uma ramificação das sociedades dos *Jovens*, porque elle até se intitulava *Joven Brazil*, e penalisava-se que a *Joven Italia* o não houvesse admittido em seu seio.

A estas palavras elle me tornava: — Não tenhas susto; nada me acontecerá; fiz reforma completa em meu procedimento, já não namôro; voaramos bellos tempos da inconstancia; amer lançou-me suas cadeias, e hoje sirvo a uma unica divindade. Accredita-me, para Sanct' Anna heide ligar-me em matrimonio, e bem vês....

— Deveras! óra Deus permitta que quanto me dizes seja pura verdade, e que tudo venha a acontecer a medida dos meus desejos.

Com effeito, grande estima tenho eu por esse estouvadinho, e ardentemente desejava que elle se arranjasse, e a final deixasse o procedimento que o indicava ás bengalas dos paes que tinham filhas, meninas, moças ou velhas, e que á semelhança do iman as attrahia violentamente para suas costas.

Ora, o meu amigo contou-me o principio e progresso de seu namôro, disse como havia pedido a moça em casamento, a discussão que houvera para determinar o dia da grande cerimonia, e de tudo isso dispenso meus leitores, para os não enfastiar.

— Saberás. disse-me elle n'essa mes-



ma occasião, que hoje vou ver o fogo da Lapa — com o objecto amado: são conveniências que não pode um noivo preterir.

— Ora pois, vai em hora boa; não te aconteça alguma.

Eu tinha certos pressentimentos que me affligiam bastante: os leitores verão como esses pressentimentos se realisaram.

Era na segunda feira de noite: o meu amigo entrou-me pela porta dentro na maior consternação, os cabellos em desordem, a gravata torta, um lado do colarinho apparecendo e o outro escondido na gravata, a camisa sem botão, aberta e mostrando todo o peito.

— Estou perdido! — exclamou atirando-se para cima d'uma cadeira. — estou perdido!

— Que tens? que te aconteceu? mataste alguém?

— Foi-se o casamento!

— Que dizes? como é isso?

— Hontem accompanhei a Senhora que devia esposar no dia de Sanct' Anna; tinhamos chegado ao Largo da Lapa, que estava apinhado de povo; eu ia de braço com a minha futura.... Ai! isto só a mim acontece!.... Que finezas que lhe eu rendia! dizia-lhe que nunca amára, que era ella primeira que me captivára o coração; ella sorria-se e acreditava-me. Approximamo-nos ao fogo.... Oh! por que não quebrei uma perna n'essa occasião!.... Quem havia eu encontrar? Laura, aquella a quem prometti casamento, e faltei: depois d'isso nunca mais nos tinhamos visto; ella logo que me percebeu, largou a familia, e dirigiu-se para nós com olhos afogueados, e com uma rapidez espantosa lançou-se entre mim e a noiva, disse-lhe quanto quiz, enumerou todas as minhas namoradas, contou-lhe como eu era in-

constante, falso, perjuro e Ai! estou perdido....

— Mas isso tem remedio. Vai á caza da tua futura, desculpa-te; e si ella te ama, certo farás as pazes.

— Já fiz isso, e d'ahi procede todo o meu mal. Entrei, fui mal recebido, porém taes coisas disse, que por fim as pazes foram feitas; já nos entretinhámos com as festas do noivado, quando um macaquinho da futura.... Endiabrado macaco!... saltou-me no hombro, faço-lhe alguma festa, e elle faz isto....

Aqui o meu amigo mete a mão nos cabellos, dá um safanão, e mostra-me um perfeito chinó que lhe encobria a grande calva.

— Ah! macaco! macaco! si eu te apanhára hoje, dir-te-hia para quanto presto! O maldicto, tendo o meu chinó na mão, principia a fazer macaquices, óra o põe na cabeça, óra deita-se dentro, óra atira-o para o ar. Que tormento! A minha futura ria-se como perdida, e dizia quando o riso lhe permitia:

— Pois. Vm.^o é calvo e quer casar, sem dizer que usa de chinó! como é feio! — E continuava a gargalhada. — Que desgraça! que desgraça, meu amigo! A noticia correrá por toda a cidade, e serei o ludibrio de quanto moça ha por ahi.... quem me quererá d'aqui em diante para amante, sabendo que eu uso chinó?!... Isto é que me afflige; por que o casamento já me não cheirava bem, e eu pretendia desmancha-lo depois de S. João.

Devo dizer aos leitores que o meu amigo ficava horrendo sem o chinó na cabeça. Ora figurem um homem com grandes guisças, bigodes, pèra e barba comprida no queixo sem um só cabelo na cabeça, e tendo por cima de tudo um rosto muito comprido, e terão o retrato fiel do namorado infeliz!

Deu-me vontade de desparar a rir, principalmente pela causa de seu sentimento, mas não é meu costume augmentar a afflicção ao afflicto, e disse-lhe:

— Que desgraça, meu amigo! que desgraça!

UMA AVENTURA

NO BAILE MASCARADO

São tres horas da manhã, Derville acaba de entrar em casa, aonde Verbelle, seu amigo, e companheiro de vida, ficou, preferindo o calor do fogão ao estrepitoso ruido do baile mascarado. Derville lhe conta com enfaze todas as aventuras d'esta noite: «Eu não assevero, lhe diz elle, que toda a noite fosse divertida; achei bastantes mascaras insipidas; reconheci bastantes mulheres, a quem este adorno não podia dar o espirito, que ellas não tinham; vi tambem bastantes jovens, velhacos em suas acções, que se julgavam agradaveis, só porque se mostravam impertinentes. Porém eu tive ao mesmo tempo o mais feliz encontro: foi uma rapariga encantadora, com a qual passeei por espaço de duas horas..... Oh!... eu jamais ouvi conversação tão interessante dos labios d'uma mulher!... Se escutasses suas palavras.... Que brilhante imaginação! Ah! meu amigo, eu nunca jamais direi, que no baile se não fazem conquistas agradaveis.» — Como tu és prompto em te inflamar, lhe diz Verbelle; vê não seja alguma velha namoradeira jubilada, que aproveitando-se da mascara.... — Velha! Eu te asseguro, que não poderá ter vinte annos.—Tu podeste perceberlo? — Não o juro; mas um órgão mui fresco, uma voz encantadora.... sim, d'estas vozes, que penetram a alma.... — Derville, lembra-te da aventura de

Rousseau, que mais d'uma vez se apaixonou por mulheres só porque as ouviu cantar, e que eram mais feias que o peccado! — Ah! meu amigo, uma tal mulher poderá deixar de ser linda?! Ter-se-ia enganado a natureza com tanta graça, e espirito?! Não lhe daria ella tambem a belleza?! Além de que, não devizei na bella joven uma figura delicioza, e encantadora... um pequeno, e airozo pé, proprio a fazer morrer de amor?!...

Verbelle, sem mais dizer, sorriu-se; e em breve os dois amigos foram conciliar o somno. Derville teve sonhos assaz encantadores; elle não cessava de ver a sua incognita seductora; parecia-lhe, que ella lhe deixava apertar a mão, e que o escutava com prazer; Derville poudo mesmo obter, que ella tirasse a sua mascara, e deixasse vêr o mais lindo rosto...

Os bailes mascarados ainda continuavam, e Derville lá voltou: elle tinha notado com cuidado os menores accesorios do traje que occultava a seus olhos aquella, que lhe tinha cauçado uma tão viva impressão: debalde a procurou por longo tempo, mas não a poudo encontrar: vagava com inquietação por toda a sala; julgou vê-la por um instante; era o mesmo talhe, maneiras semelhantes.... mas bem depressa conheceu não ser a sua bella; e então caiu na mais profunda tristeza, como se acabasse de a perder uma segunda vez. Verbelle o tinha acompanhado, e ria-se de seus pezares: — Esperas tu achar fidelidade no baile? lhe dizia Verbelle, sempre és bem criança; sabe, que aqui é a terra classica do perjurio: no baile mascarado o amor acaba com a noite... desgraçado aquelle, que assim não pensa!.... — Derville o deixou descontente, e sempre com a esperanza de descobrir a sua heroína.

Elle não se engana: ella que chega: